

at. 1/90

001/90

Ives Gandra da Silva Martins

UMA PEQUENA REFLEXÃO INTERNACIONAL

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS,
Professor Titular de Direito Econômico
e de Direito Constitucional da Faculdade
de Direito da Universidade Mackenzie.

Passados os primeiros impactos decorrentes da invasão norte-americana no Panamá e da carta dos mais expressivos intelectuais da Esquerda ao ditador Fidel Castro, creio valha a pena uma análise, embora perfunctória, porém serena, dos dois fatos.

Exteriorizam, a invasão norte-americana e a ditadura fidelista, a insensibilidade dos governos dos dois países em face do que está ocorrendo no mundo inteiro.

Justificam, os americanos, sua ação pelo fato de ser Noriega um ditador -e mais do que isto traficante-, razão pela qual, sem consultar o concerto das nações e como juízes universais do bem e do mal, decidiram invadir o Panamá para restabelecer a democracia, que entendem ideal para seus habitantes.

Mesmo se se admitisse que teriam sido estes os reais motivos da invasão, nada justificaria a postura de "raça superior" capaz de determinar o

Q

-2-

que é certo e o que é errado para as outras nações, utilizando-se do condenável recurso das armas, sempre que as formas de governo de outros países não se afinem com sua própria maneira de ser e os países a serem convertidos não tenham densidade militar suficiente para opor resistência às forças superiores dos "justiceiros" americanos.

Nunca me agradou o governo de Noriega, um tiranete centro-americano, que o povo do Panamá deveria afastar, da forma que julgasse melhor. Não tenho dúvida que o tempo estava contra Noriega e seus dias se aproximavam do fim, com ou sem a invasão americana. Não me agrada, todavia, que as regras do direito internacional público sejam violadas sempre que um país, mais forte, entenda que tenha motivos para violá-las. A série de erros da diplomacia americana, terminaram por violar também território nicaraguense no Panamá, além do cerco descabido à Nunciatura do Vaticano ser acintoso.

A insensibilidade americana inclusive conseguiu que a desprezível figura de Noriega fosse valorizada e que o mundo se revoltasse contra o menosprezo que os Estados Unidos têm à lei internacional, menosprezo este que os russos aprenderam a afastar, na era Gorbachev, sequer intervindo na Romênia, na luta contra a polícia secreta de Ceacescu. Nem mesmo a perseguição ao traficante de drogas a legitimaria, pois este traficante já foi aliado dos Estados Unidos e, desgraçadamente, o mercado de drogas existe fundamentalmente, porque o povo americano é seu maior consumidor, alimentando, com dólares, este flagelo do mundo atual.

1

Que a insensatez americana tenha sido a última e que Bush se inspire, a partir de agora, nos seus maiores, para perder o ar de incompetente suficiência, que ostenta, e ganhar a humilde competência dos verdadeiros homens que fizeram a história do grande povo irmão do Norte.

O outro tema de reflexão diz respeito ao ditador mais sangüinário da América Latina dos últimos 33 anos. No dia em que sua ditadura cair -e agora que não mais terá a sustentação econômica dos russos, devendo concorrer no mercado mundial com as limitações de todos os outros países, não me parece distante a sua queda- talvez nos estarrecamos com o conhecimento das mesmas torturas, violências e homicídios políticos que horrorizaram o mundo com Stálin ou Ceacescu.

Não quero, todavia, falar dos "paredões", em que centenas de sacerdotes e cidadãos foram fuzilados sumariamente, pois deste genocídio a história cuidará.

Falo de seu desprezo à democracia. Falo de sua prisão insular, posto que os cubanos só com muita dificuldade obtêm visto de saída para turismo e que se tão maravilhoso fosse seu paraíso, pela "livre escolha periódica" de seus dirigentes nos últimos 33 anos, certamente tal plebiscito não se justificaria.

O certo, todavia, é que intelectuais de respeito e de renome, todos de esquerda, mas ardorosos



defensores da democracia, propuseram, pela 2ª vez, um plebiscito para que o povo cubano tenha a liberdade de escolher seu governo e não continuar sem o direito de pensar de forma diferente do que pensa seu ditador, há 33 anos.

Não creio no sucesso da tentativa dos ilustres intelectuais, posto que, ao atacar a abertura do leste-europeu, quando da visita recente de Gorbachev, de certa forma, o despóta da América Central admitiu que Cuba é sua propriedade e que a continuará dominando e proibindo o povo de pensar.

Cuba enfrentará, na década de 90, problemas econômicos. Não mais podendo vender cana de açúcar por preços elevados para que a Rússia a revenda por menor preço, em face da gradual eliminação dos contratos que mantinha com seus tutores políticos das décadas de 60, 70 e 80, ver-se-á às voltas com os mesmos problemas que as demais nações latino-americanas estão enfrentando. E apenas a democracia justifica uma luta sem trégüas contra a crise.

Só aos cubanos cabe a escolha de seu próprio caminho. Que ninguém interfira nesta procura. O que se deseja é que o povo cubano -e não aquele que dele se beneficia há 33 anos no poder- seja o eleitor supremo. Que a década de 90 tenha a democracia implantada em toda a América, sem necessidade da tutela americana ou da ditadura cubana.

